

segunda-feira, 28 de março de 2011 7:46

Represa Billings tem 'pedaços' do Rio Tietê

Ilénia Negrin
Do Diário do Grande ABC
0 comentário(s)

  Seja o primeiro de seus amigos a recomendar isso.

O ecoesportista Dan Robson Dias, 40 anos, está acostumado a navegar por locais inóspitos, sujos e mal cheirosos. Em 2009, ele percorreu 550 quilômetros do Rio Tietê, de Biritipa-Mirim a Barra Bonita, passando pela Capital. Durante todo o percurso, levava a reboque o flutuador da Rede Globo, que media os níveis de poluição nos diferentes trechos. Ia coberto dos pés à cabeça e em alguns momentos precisou usar máscara. Tudo para evitar o risco de contaminação.

No ano passado, foi escalado pela mesma emissora para repetir a expedição, só que desta vez nas quatro represas que abastecem a Grande São Paulo: Billings, Paiva Castro, Taiçupeba e Guarapiranga, nesta ordem.

Morador de São Bernardo há 30 anos, Dan conhecia a Billings desde menino, dos domingos passados no Parque Estoril e no rancho da família às margens da represa, no bairro Tatetos. Achou que poderia dispensar parte da proteção usada quando navegou pelo Rio Tietê. "Em muitos trechos, me arrependi de não estar todo encapotado. Não imaginei que a Billings fosse tão suja. Fiquei surpreso e indignado", revelou.

De 26 de novembro a 31 de dezembro, o esportista navegou por 450 quilômetros às margens do reservatório (o mais poluído dos quatro visitados), passando por São Bernardo, Santo André, Diadema, e Ribeirão Pires, além da Capital. O primeiro aspecto que constatou foi que a Billings é bastante irregular. "Numa faixa de cinco quilômetros é possível se deparar com água cristalina e depois ter de lidar com o cheiro de laranja podre vindo da água."

Os pontos mais preservados, segundo Dan, são a região do Parque Estoril e nos arredores da estação de captação da Sabesp, às margens da Via Anchieta, "Ali eu até arriscaria um mergulho."

Em Ribeirão Pires, o esportista encontrou esgoto puro e teve dificuldade de movimentar os remos pelas águas pesadas e turvas. Era só um aperitivo do que estava por vir.

Ao chegar em Diadema, na região das usinas elevatórias da Emae (Empresa Metropolitana de Águas e Energia), sentiu saudades do Rio Tietê. "Foi o único local do Billings onde vi fezes boiando", lembrou. O lixo e o entulho também eram abundantes. Além das incontáveis sacolinhas e garrafas plásticas, Dan precisou desviar de um sofá e de uma televisão. "É inadmissível que o governo abre as comportas e despeje água do Rio Pinheiros naquela região. É um cenário triste."

Analista trocou computadores por aventura há 10 anos

Quem vê o currículo de Dan Robson pensa que ele nasceu dentro de um caiaque ou passava as férias escolares em excursões pela Mata Atlântica. Engano. O esportista tem dez anos de profissão e já acumula aventuras de peso, como passar 61 dias confinado nas cavernas do Petar (Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira), em São Paulo, ou cruzar a Transamazônica de bicicleta, do Acre até a Paraíba, para um documentário da Discovery Channel.

Tudo começou em 1999, quando Dan teve um 'estalo'. Era 29 de dezembro, e ele estava trancafiado na casa onde mora com a mãe e as duas irmãs, no bairro Taboão, em São Bernardo. Em frente ao computador, como era costume. Acabou a luz. No escuro, fuçando gavetas, encontrou um guia de praias. "Comecei a folhear. E me dei conta de que estava perto dos 30 anos e não conhecia nada."

Formado em Análise de Sistemas, Dan nunca tinha sido aventureiro na vida. Além dos computadores, tinha outro ofício, o que aprendeu ainda na infância, o de artesão. Era exímio na confecção de vitrais de igrejas. "Vi que nada daquilo era a minha cara. Não queria mais."

Na primeira semana do Ano Novo, vendeu a loja de informática para o sócio, ensinou a arte dos vitrais para uma amiga e começou a planejar a nova vida. O plano era percorrer todas as praias brasileiras - sim, todas - a pé. Para aguentar o ritmo, começou os treinos diários, que incluíam cinco horas de caminhada, natação e musculação.

Em 31 de dezembro de 2000, ao meio dia, Dan estava no Chuí, extremo Sul do Brasil. Em 365 dias, cumpriria sua meta, a de chegar ao Oiapoque, no Amapá. Foram 8.051 quilômetros de caminhada. E ele não parou mais.

Em meia hora, três sacos lixo são retirados

Ontem, Dan Robson voltou à Billings, no dia em que a represa completou 86 anos. A bordo de seu caiaque, em menos de 30 minutos colheu três sacos de lixo das águas da Prainha do Riacho Grande, em São Bernardo.

Ele foi um dos participantes do ato pela conscientização ambiental e contra a poluição do reservatório, realizado pelas prefeituras de São Bernardo, Diadema e São Paulo. O reservatório hoje é responsável pelo abastecimento de 1,8 milhões de pessoas.

O secretário de Gestão Ambiental de São Bernardo do Campo, Gilberto Marson, encheu um grande aquário, com cerca de um metro cúbico de água turva da represa. O lixo colhido por Dan e outros participantes do ato foi despejado na mesma caixa d'água. "A Billings é como nossa grande caixa. Estamos tratando muito mal dela", alertou Marson.

O discurso do secretário e a presença do ecoesportista, famoso pela série de reportagens televisivas, não foram suficiente para atrair a atenção da maioria dos frequentadores da Prainha, que ontem só estavam preocupados em aproveitar a manhã quente e ensolarada nas águas e quiosques às margens da represa. (Wagner de Oliveira)

COLETORES DE BITUCAS

Nos próximos 15 dias, a Prefeitura de São Bernardo vai colocar em ruas e repartições públicas da cidade 50 caixas coletoras de bitucas. Além disso, serão distribuídas 3.500 caixinhas de plástico - do tamanho de um maço de cigarro - para que fumantes armazenem os filtros e não os joguem na via pública.

O material recolhido será armazenado em tambores de plástico e depois encaminhado para reciclagem no interior de Minas Gerais, onde poderá ser transformado em tecido, papel ou suporte para material agrícola.

"As pontas de cigarro são uma das principais fontes de contaminação das águas, além de sujarem ruas e entupirem bocas de lobo", explicou Marson.

De acordo com o secretário, 20 bitucas dissolvidas em dois litros d'água resultam em um litro de esgoto. Com a coleta, a Prefeitura também acaba contribuindo para a coleta seletiva, evitando que o material vá parar em lixões.

Comuns na Europa, as primeiras caixas coletoras foram instaladas na cidade de Votorantim (SP). O serviço será prestado por empresas que desenvolvem soluções ambientais. Uma delas é a Conspizza, com sede em Curitiba.

Com um metro e meio de altura, as caixas são de metal - não propagam o fogo. Pintadas na cor verde, trazem pequeno painel com mensagens ecológicas, além de informarem a destinação do material recolhido.

Represa já perdeu 20% da capacidade

Poluição, ocupação irregular e assoreamento. Esses são problemas que a senhora Represa Billings acumula desde jovem, mas que, em vez de se serem superados ao longo dos anos, só pioraram no decorrer das décadas.

Do volume de 1,3 bilhão de metros cúbicos que a bacia tinha quando foi criada em 1925 para gerar energia elétrica para a usina Henry Borden, em Cubatão, mais de 240 milhões foram perdidos.

Se antes o manancial produzia 28 metros cúbicos de água por segundo, atualmente não atinge mais do que 13.

Foi entre as décadas de 1980 e 1990 que a ocupação das áreas livres no entorno da represa se intensificaram de maneira irreversível.

No começo, a preocupação era sobre o avanço horizontal em direção às águas. Hoje, são as construções verticalizadas que inquietam.

Afinal, quanto maior o número de pessoas - e a estimativa é de que cerca de um milhão moram na área da Billings - , maior é a carga difusa, forma como ambientalistas denominam os poluentes trazidos pela presença humana, como esgoto e lixo.

Debatida por mais de uma década e regulamentada em 2010, a Lei Específica da Billings, tentativa de salvar o manancial implantando políticas de regularização fundiária em sintonia com a preservação ambiental, ainda está só no princípio.

"Temos uma capacidade enorme de criar normas, mas uma capacidade limitada de promover mudanças", declarou o presidente do Proam (Instituto Brasileiro de Proteção Ambiental), Carlos Bocuhy, para quem a Lei Específica é um "grande fracasso."

A previsão do especialista para os próximos aniversários da bacia é de cada vez menos motivos para festa.

"Trabalhando com vontade, em dez anos é possível que a situação melhore. Contudo, do jeito que está, em 40 ou 50 anos, uma parte maior da represa vai ser terra firme." (André Vieira)